



**OLHARES  
EXTENSIONISTAS  
SOBRE QUILOMBO  
E QUILOMBISMO -  
ANDANÇAS PELO  
KAONGÉ E SANTIAGO  
DO IGUAPE -  
CACHOEIRA, BAHIA**

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

### **Reitor**

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

### **Vice-reitor**

Penildon Silva Filho

## **FACULDADE DE ARQUITETURA**

### **Diretor Faufba**

Fábio Macêdo Velame

### **Vice-diretora Faufba**

Juliana Cardoso Nery

### **Coordenadora PPG-AU/Faufba**

Ariadne Moraes Silva

### **Vice-coordenadora PPG-AU/Faufba**

Liana Silvia de Viveiros e Oliveira

### **Equipe Nappe**

Leo Name (Coordenador)

Any Brito Leal Ivo (Vice-coordenadora)

Alejandra Hernández Muñoz

Junia Cambraia Mortimer

Rodrigo Scheeren

Thais de Bhanthumchinda Portela



**PPG-AU**  
**FAUFBA**

**NAPPE**  
NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ensino&Aprendizagem | Série Extensão EixosTemático

**OLHARES EXTENSIONISTAS  
SOBRE QUILOMBO E  
QUILOMBISMO –  
ANDANÇAS PELO KAONGE  
E SANTIAGO DO IGUAPE –  
CACHOEIRA, BAHIA**

**AUTORES**

Alyne Fernanda Cardoso Reis  
Iana Marucha Lopes das Virgens Santos  
Liane Monteiro dos Santos  
Luiz Rogério Rosário Santos Jr.  
Manuela Rodrigues Kullmann  
Mara Rosane Dias Goulart  
Rodrigo Santos Costa  
Sueide Gonçalves Rosa  
Thiago Assunção dos Santos  
Valdéria Lopes de Virgens Santos

**SALVADOR, UFBA, 2025**

2025, autores.  
Direitos para esta edição cedidos à UFBA.  
Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

**Projeto Gráfico**  
Rafa Moo

**Editoração e Arte Final**  
Cecylle Amaral e Giulia Lagrotta

**Revisão**  
Anna Beatriz Lage Fernandes

**Normalização**  
Adriana da Gloria Santana

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

---

Olhares extensionistas sobre quilombo e quilombismo :  
andanças pelo Kaonge e Santiago do Iguape – Cachoeira,  
Bahia [recurso eletrônico] / Alyne Fernanda Cardoso Reis ...  
[et al.] – Salvador : PPG-AU/FAUFBA : NAPPE, 2025.  
23 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm

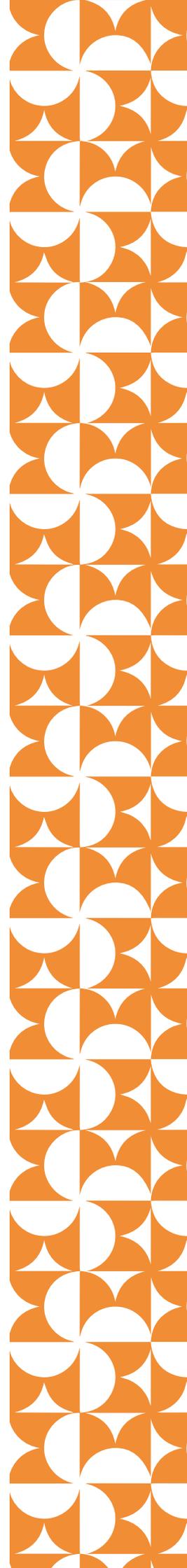
Ensino&Aprendizagem | Série Extensão EixosTemáticos  
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/43420>  
ISBN: 978-65-5631-179-1

1. Quilombos - Brasil. 2. Quilombolas - Bahia. 3. Quilombolas -  
Usos e costumes. 4. Negros - Brasil. 5. Extensão universitária. I.  
Reis, Alyne Fernanda Cardoso.

CDD 305.89608142

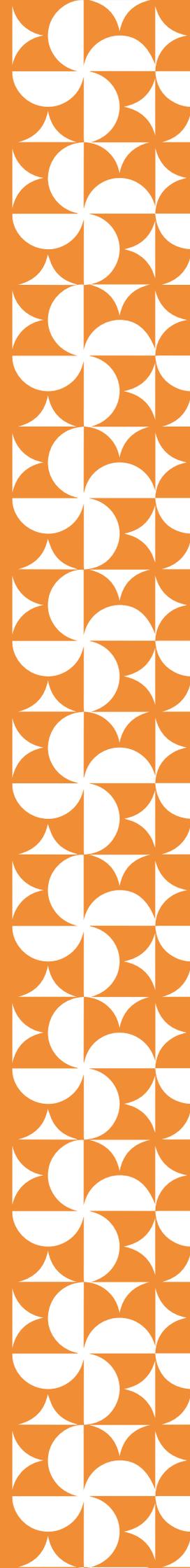
---

Elaborada por Jamilli Quaresma CRB-5: BA-001608



# Sumário

- 6 **Resumo**
- 6 **Introdução**
- 8 **Objetivo**
- 8 **Percursos Metodológicos**
- 9 **A Bacia e Vale do Iguape, Cachoeira – Bahia**
- 10 **O festival gastronômico e cultural da ostra no Quilombo do Kaonge**
  - 11 Observar participando e celebrando
- 13 **A presença marcante de mulheres aprendendo sobre comunitarismo quilombola e saberes das mais velhas**
  - 13 Juvanice Jovelino no Kaonge
  - 13 Mãe Lalu, Aurelina Leal
  - 13 Mãe Zélia
- 14 **Oficinas de mandala com crianças: corpo e natureza em movimento. Identidade e pertencimento**
- 17 **Visita a Santiago do Iguape**
  - 17 Ajeum e roda de conversa no Terreiro Ilê Axé Xapanã
  - 20 A Casa de farinha: quilombo, sustentabilidade e inclusão produtiva
- 22 **Ajeum da maricultura tradicional e a inclusão produtiva de mulheres**
- 22 **Considerações Finais**
- 23 **Referências**



## RESUMO

A iniciativa extensionista em questão foi desenvolvida como resultado de um ciclo formativo baseado em discussões do livro *Do quilombo à favela* (Campos, 2005) e nos pensamentos de Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. O projeto explorou o quilombismo, conectando-o com ideias de pan-africanismo educacional, cultura e diáspora. O objetivo foi aplicar metodologias pedagógicas de base quilombista em um projeto pontual de extensão realizado na Bacia do Iguape, especialmente durante a Festa da Ostra, no Quilombo do Kaonge, e na visita ao Terreiro Ilê Axé Xapanã em Santiago do Iguape, Cachoeira, Bahia.

## INTRODUÇÃO

Os quilombos no Brasil cumprem, em nossos territórios, uma missão de re-existência de africanidades. As memórias vivas atestam um processo civilizatório que consagrou formas sustentáveis de relação e associativismos com a terra e as suas comunidades como berço da humanidade.

Para além do urbanismo europeu e das lições que os livros didáticos brasileiros também não nos contaram, o povo tradicional quilombola consegue sair das invisibilizações e das sombras da escravidão negra no Brasil por meio da relação de sustentabilidade econômica, ambiental e artístico-cultural e da organização social comunitária a partir dos conhecimentos ancestrais trazidos pelos povos de diversas nações africanas, principalmente na figura das anciãs, que consagram suas vidas em nome de seu povo, como sua família ampliada, em ações educacionais.

Então, o incentivo a ações de extensão fundamentadas em projetos de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPGAU/UFBA) coopera com os Estudos de Africanidades na Bahia e alimenta possibilidades de efetivação da Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008, proporcionando processos pedagógicos nos quais o ensinar e o aprender ampliam espaços da sala de aula para a comunidade e conduzindo docentes e discentes ao conhecimento de territórios quilombolas, onde aprender, conviver e celebrar são palavras que se somam pedagogicamente.

Nesse intuito, o grupo de pesquisa do PPGAU/UFBA construiu essa iniciativa extensionista como culminância de um ciclo formativo que teve como ponto de partida a discussão do livro *Do quilombo à favela* (Campos, 2005), aprofundando conteúdos estudados à luz de Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. As discussões sobre quilombismo colocaram esses autores em diálogo, o que possibilitou fazer a relação dos fundamentos apontados com a realidade presente nas comunidades tradicionais quilombolas e de terreiro, além de concretizações do pan-africanismo educacional, em Dubois e Garvey, também associadas a Stuart Hall, nas discussões sobre cultura e diáspora.

A fim de ampliar e consolidar o aprendizado em campo, contamos com um coletivo de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento: arquitetos, urbanistas, assistentes sociais, pedagogas e engenheiros participantes do grupo de pesquisa e estudantes convidados de graduação dessas áreas.

O contato in loco com essas comunidades, aliado aos estudos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – também participante do Ciclo Formativo Do Quilombo à Favela – compôs um caminho que aliou pesquisa e extensão na graduação e na pós-graduação da Faculdade de Administração da UFBA (FAUFBA), também com discentes da Universidade Católica de Salvador (UCSal) e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). A formação profissional e científica nessa perspectiva incentiva que possa atuar em equipes que, multidisciplinarmente, ocupam-se das políticas sociais e urbanas em territórios negros, para o planejamento e a gestão de programas e projetos, bem como desenvolvê-las com excelência, munidos do conhecimento sobre direitos e particularidades socioespaciais na perspectiva de cor, raça e gênero desse campo de atuação, sobretudo em arquitetura de quilombos e seus seguimentos, como preservação e conservação do patrimônio histórico e forma de organização por moradia, elementos estes que perpassam pelo direito à habitação, ao trabalho e à educação.

Os dados do censo 2022-2023 do IBGE, dentro de sua nova contagem, revelaram um outro cenário com adoção de metodologia participativa e inclusiva no planejamento, na gestão e na execução de pesquisa com comunidades e populações indígenas e quilombolas. Deve, pois, ter seus dados monitorados a fim de se transformarem em políticas públicas que possibilitem reduzir os danos criados e as privações de direitos essenciais historicamente no Brasil.

Portanto, o desenvolvimento de políticas públicas específicas e efetivas para as comunidades quilombolas torna-se importante associação para o combate ao racismo estrutural, institucional e ambiental que precisamos enfrentar na construção de um país mais justo e igualitário e exercício permanente de construção da memória, como diretriz da relação ensino e aprendizagem multidisciplinarmente.

Dada a importância da preservação da cultura e dos direitos quilombolas, nos dias 13 e 14 de outubro de 2023, o grupo Etnicidades desenvolveu uma ação extensionista na comunidade Quilombo Kaonge e comunidade do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Xapanã existentes em Santiago do Iguape, no município de Cachoeira, Bahia. Para cumprimento desta ação foi necessária a realização de uma viagem de Salvador à Santiago do Iguape para escuta das comunidades, troca de experiência e saberes, observação participante e arte-educação voltada para o público infantil, no compromisso de fomento à difusão de sua cultura, como contribuições da universidade em seus diversos espaços de ação, na produção audiovisual e científica.

A ação extensionista se dispôs a realizar uma imersão nesses territórios de resistência, conhecendo e participando do Festival Gastronômico e Cultural da Ostra (Festa da Ostra), na comunidade Quilombo Kaonge, reconhecendo a organização

política, a inclusão socioprodutiva, a cultura musical (o samba) e a sustentabilidade econômica e ambiental. Na mesma oportunidade, pretendeu cooperar com o processo formativo do grupo reiterando na observação e participação numa ação comunitária típica os conceitos estudados nas formas sociais tradicionais quilombolas destas duas comunidades.

Foi possível também, compreender relações entre a existência da ancestralidade de matriz africana na Festa da Ostra e na experiência familiar da matriarcalidade, na perspectiva de Oyéronké Oyàwùmí (1957) acerca do matriarcado e do lugar da mulher em África. A esse exemplo, destacamos Aurelina Leal, conhecida como Mãe Lalu, presente nas ações educacionais do Instituto Mãe Lalu e na visita ao Terreiro Ilê Axé Xapanã, que atua também com o Projeto da Casa de Fariinha aberto à sua comunidade como forma de quilombamento. Também através da Ialorixá, do Kaonge, Juvanice Jovelino.

## **OBJETIVO**

O presente estudo tem como objetivo demonstrar os percursos metodológicos de base pedagógica quilombista utilizados no projeto de extensão na Baía do Iguape, realizado durante a Festa da Ostra, no Quilombo do Kaonge e no Quilombo de Santiago do Iguape, em Cachoeira, na Bahia.

## **PERCURSOS METODOLÓGICOS**

A produção da estética negra e a estética negra como lugar político da identidade negra são premissas de Abdias do Nascimento (1914-2011), para a organização política de pessoas negras no Brasil entre a década de 40 e final dos anos 90. Como ativista, poeta, escritor, dramaturgo, curador, artista plástico, professor universitário, pan-africanista e parlamentar, o autor consolidou seu pensamento através da arte, com o Teatro Experimental do Negro e o Museu da arte Negra. Reconhecido como um dos maiores defensores da cultura e da igualdade para e com as populações negras alcançou resultados relevantes em iniciativas sobre os direitos das pessoas negras e sua inclusão na sociedade.

O Quilombismo é um conjunto de práticas de organização social e política destinadas à resistência cultural negra, uma filosofia política na perspectiva do Pan Africanismo Intelectual iniciado por Marcus Garvey e Du Bois. O Quilombismo se estruturou em formas associativas que tanto estariam localizadas no seio de florestas de difícil acesso, facilitando sua defesa e sua organização econômico social própria, como também assumiram historicamente modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas,

recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. O autor propõe que o quilombismo seja adotado como um projeto de “revolução não violenta” da população negra brasileira com o objetivo de criar uma nova sociedade, o “Estado Nacional Quilombista”.

Neste sentido, a produção da vida cotidiana das comunidades negras a partir da sua forma e hábitos tradicionais encontra expressões típicas observadas na experiência de Extensão que convergem ao pensamento do autor: o corpo negro, a musicalidade e a dança entre quilombos e terreiros, a forma de organização arquitetônica de suas casas e outras instalações, as relações com a natureza, o protagonismo de mulheres são mútuas representações de pertencimento e cooperações identificadas nas atividades desenvolvidas entre Kaonge e Santiago do Iguape, como fundamentos da intelectualidade negra para além dos espaços convencionais da universidade, que orientam caminhos de relações entre ensinar e aprender, desenvolvido nestas comunidades e que nos motivam a buscar relações com o ensino na graduação, através de uma ação comunitária extensionista.

## **A BACIA E VALE DO IGUAPE, CACHOEIRA – BAHIA**

As comunidades tradicionais quilombolas da Bacia do Iguape estão inseridas no distrito de Santiago do Iguape, Cachoeira/BA, no Vale do Iguape, Reserva extrativista marinha onde resistem 18 comunidades nas localidades de: São Francisco do Paraguaçu, Kaimbongo Velho, Kaonge, Kalembá, Kalolé, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Tombo, Tabuleiro da Vitória, Brejo da Guaiá, Engenho da Vitória, Engenho Novo, Engenho da Cruz e Muteixo-Acutinga. Essas comunidades são certificadas pela Fundação Cultural Palmares e se organizam por meio do Conselho Quilombola e o associativismo comunitário, onde auto reconhecem como remanescentes de quilombo por meio de uma consciência coletiva de suas identidades.

Estas comunidades tradicionais no contexto do Recôncavo Baiano foram precedidas por significativo contingente de engenhos, no período colonial, com agricultura de plantações na produção de açúcar e fumo para exportação. Como pano de fundo para a territorialização destes espaços remanescentes quilombolas que permaneceram habitando a localidade.

Para o historiador José Reis (1992, p.5) calcula-se a chegada de cerca de oito mil negros escravizados anualmente, uma estimativa realizada em 1814 indica que haveria no Recôncavo em torno de 40.800 escravos espalhados por 408 engenhos, uma média de cem por engenho, sendo a comunidade de Santiago do Iguape, principal freguesia de produção açucareira da época.

Atualmente, os povos tradicionais quilombolas sobrevivem sobre vastos déficits públicos, destituídos de direitos fundamentais, permaneceram em organizações

e revoltas, de um passado recente que mantém viva a sua ancestralidade numa Re-Existência Transatlântica, com suas famílias e espaços auto-construídos.

## **O FESTIVAL GASTRONÔMICO E CULTURAL DA OSTRAS NO QUILOMBO DO KAONGE**

Desde 2009, o Quilombo do Kaonge, em Cachoeira - Ba, tornou-se lugar da festividade que celebra a cultura tradicional da Ostra. Em um fim de semana anualmente visitantes, pesquisadores e famílias das comunidades quilombolas do seu entorno integram-se durante três dias através de expressões diversas do saber em gastronomia e iguarias tradicionais do marisco, com arte, cultura, justiça e cidadania.

O turismo de base comunitária e a difusão deste potencial produtivo da maricultura local, consagram as riquezas da terra organizadas em modalidades de associativismo, com moeda própria denominada sururu, que impulsiona o comércio no evento, de porte internacional e que une esferas de governo, universidades e sociedade. Como celebração tradicional foi sugerido como motivador para esta Extensão.

Quanto à quantidade de pessoas alcançadas pela ação extensionista somam-se em torno de 75 pessoas. Na oficina de mandalas e na roda de conversa, estima-se que foram atingidas 35 crianças e adolescentes.

**FIGURA 1**

Roda de Xirê e Leitura da Carta Quilombola, Festa da Ostra, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

### **Observar participando e celebrando**

No ensejo do Festival gastronômico da Ostra, ou simplesmente A festa da Ostra, discentes regulares de Mestrado e Doutorado do PPGAU, além de discentes de graduação de Letras da UFBA e Serviço Social da UCSAL, após dois meses de estudo do Quilombo à Favela, em seu grupo de Pesquisa tem a oportunidade de fazer uma imersão numa área rural da Bahia de Todos os Santos, típica das insurreições da Independência do Brasil na Bahia. Munidos de câmaras fotográficas e dos seus celulares, olhos atentos aos processos políticos que instituíram a Carta Quilombola de 2023, junto à sua Associação e atores políticos de Estado do Brasil e de outros países, às oficinas educativas e rodas de conversa, aos aromas de moqueca e de outras iguarias, ao som de atabaques e rica musicalidade afro brasileira, de um colorido provocativo dos sentidos a saudar orixás no percurso da feira.

**FIGURA 2**

Juvanice Jovelino no Kaonge. Ato de lançamento da Carta Quilombola, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

**FIGURA 3**

Mulheres produtoras e empreendedoras, Festa da Ostra, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

Crianças correndo e pulando, iguarias e um geladinho de coco, tapioca e tamarindo a refrescar e matar a sede naquele dia que o Sol parecia também celebrar ao lado daquela potente pequena multidão quilombola, o viver quilombista no Kaonge evocava todos os sentidos aos nossos corpos - Beatriz e Abdias certamente ali estavam contando a história negra escrita por mãos negras e mostrando o lugar de arte e natureza num comunitarismo, na presença das mais velhas.

## **A PRESENÇA MARCANTE DE MULHERES APRENDENDO SOBRE COMUNITARISMO QUILOMBOLA E SABERES DAS MAIS VELHAS**

Nas sub-seções a seguir, é apresentada as mulheres quilombolas e suas respectivas relações com o comunitarismo quilombola e seus saberes.

### **Juvanice Jovelino no Kaonge**

No ato de lançamento da Carta Quilombola 2024 a fala da Ialorixá Juvanice Jovelino, em seus 67 anos, revelou que o seu percurso comunitário é marcado pela reverência aos ancestrais e ao seu papel ativo na educação. Como líder espiritual representa os Orixás Xangô e Iemanjá - também reconhecida como “griot” do Kaonge, ao ser mencionada como mulher mais velha e comunicante dos conhecimentos ancestrais da localidade.

Em sua juventude deixou o Kaonge para estudar. A mando do seu pai, passou a residir em Salvador, no Bairro de São Caetano. A senhora quilombola retornou da capital, após o adoecimento da sua mãe, em 1972. Mesmo com a limitação de recursos montou a escola São Cosme e São Damião, usando o carvão para escrever e pano molhado, para apagar o quadro onde trazia as lições para as crianças.

### **Mãe Lalu, Aurelina Leal**

Em visita ao estande do Instituto Mãe Lalu os saberes ancestrais femininos puderam ser observados na imagem da idosa parteira e curandeira, apresentada por suas netas e bisnetas presentes, como motivadora do trabalho educacional realizado por uma organização civil quilombola sem fins lucrativos destinado a 09 quilombos das 18 comunidades que compõem a Bacia e Vale do Iguape, tendo crianças atendidas participantes da Oficina de Mandalas.

### **Mãe Zélia**

Zélia Maria Ramos, Ialorixá, Mulher, mãe, avó, e matriarca fundadora do terreiro Ilê Axé Xapanã. Iniciada por Mãe Llau, juntas construíram a “Gruta de Ogum Dilê” e conseguinte reconstruiu no terreiro de candomblé Ilê Axé Xapanã como

forma de continuidade dos conhecimentos adquiridos, assim como no principal viés da caridade e serviço social da comunidade através da espiritualidade, no uso curativo de folhas, ervas e rituais que envolve a ancestralidade afro-brasileira.

## **OFICINAS DE MANDALA COM CRIANÇAS: CORPO E NATUREZA EM MOVIMENTO. IDENTIDADE E PERTENCIMENTO**

No intuito de difundir o ensino-aprendizado entre a academia e a comunidade tradicional na perspectiva de troca de saberes e entendimento sobre a sustentabilidade ambiental e conservação do ambiente natural, foi proposto uma atividade - oficina de mandalas, sobretudo para o público infantil das comunidades presentes na Festa da Ostra como forma de interação portanto com cuidado, seriedade e leveza na forma de colher deles a percepção da vida em uma comunidade tradicional de remanescentes quilombolas e da lida com o meio ambiente em termos do modo extrativista sustentável e conservação da natureza.

Para esta atividade, elaboramos a construção de mandalas com uso de materiais do ambiente local, bem como cola e tintas guache, e para suporte das mandalas utilizamos materiais reaproveitáveis, folha A4 e papelão. Com isso, para nos orientarmos foi colocado em prática a metodologia pesquisa-ação, em que direcionou a atividade explicada às crianças, cuja predominância eram crianças quilombolas residentes no Quilombo do Dendê e no Quilombo Kaonge e vinda de Santiago do Iguape com a caravana do Instituto Mãe Lalu, acompanhadas por monitores.

No primeiro momento, a equipe responsável pelo desenrolar da ação explicou qual seria o objetivo daquela atividade, nesse caso a construção de mandalas. Dividimos as crianças em grupos, e cada grupo tinha um tutor da equipe para cuidar e auxiliar cada um a elaborar sua própria mandala. Logo em seguida, as crianças foram orientadas que após o sinal dado pela tutora da ação, teriam que ir a campo coletar os materiais orgânicos (folhas, frutos, sementes, flores e galhos) no ambiente local, prioritariamente coletados no entorno do lugar onde a atividade estava acontecendo para segurança dessas crianças, e então passados três minutos deveriam retornar para desenvolverem a criatividade na construção das mandalas.

Ao final da atividade tivemos diversas mandalas, com cores, com elementos, e formas diferentes de fazer e ter o objeto final executado. Ao final da execução das mandalas passamos ao ouvir as crianças a respeito do cuidado com a natureza, do modo sustentável de viver em comunidade tradicional e de como foi realizar a atividade, e tivemos falas surpreendentes do brincar sem medo, de estarem próximos ao rio para se divertirem, da alimentação natural, da poluição com algo ruim.

Com isso, percebemos que as mandalas puderam ganhar uma nova proposição de que pode ser inserida como atividade arte-dialógica no contexto educacional para se pensar, refletir, e debater sobre assuntos problematizadores que geram

questões e podem surgir resoluções por meio da criação artística sobretudo para formação dos indivíduos, nesse caso a partir da percepção dos meninos e meninas sobre o meio ambiente e comunidade tradicional.

Tal ação, se desenvolveu visando a execução das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, como também refletindo sobre os princípios do comunitarismo africano na comunidade de Santiago do Iguape a partir do conhecimento do território e da população.

Nas narrativas das apresentações das mandalas do público alvo, foi possível perceber as noções de consciência de identidade e pertencimento destes participantes. A equipe, enquanto pesquisadores e visitantes, tem entendido que o conhecimento não vem necessariamente do ambiente acadêmico e o que vem do acadêmico deve sempre manter a memória e a narrativa negra quilombola como gerador de sentidos de africanidades e infâncias livres que mantém uma relação saudável e viva com a natureza.

**FIGURA 4**  
Oficina de mandalas, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

**FIGURA 5**  
Oficina de mandalas, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

A oficina Identidade e Pertencimento ocorreu no Quilombo Kaonge ao buscar um novo olhar para a ancestralidade, seguindo os fundamentos da Filosofia Sankofa: voltar para adquirir conhecimento, neste caso no lugar de morar como lugar de aprender quilombos. Esta oficina possibilitou encontros e reencontros ancestrais. Durante o desenvolvimento da oficina utilizamos como metodologia roda de conversa e construção de painel; como recursos, papel ofício, lápis de cor e placas com escritas: identidade, território e pertencimento.

A expressão através de escritas, desenhos e painéis trouxe sentimentos de pertencimentos e identificações como território, reiterando o papel da arte negra na comunicação e memória de suas negritudes, e nos fez perceber a dimensão do afeto pelo lugar ao relatarmos orgulho de ser quilombola, do orgulho de terem mães marisqueiras e de poder dançar livremente.

Após escutas de experimentos, vivências e diálogos, o painel foi construído com as narrativas das crianças, onde foi possível perceber o grau de comprometimento das crianças com a historicidade do território num contexto teórico-práticos.

Sentimos cada vez mais responsáveis por propor troca de experiências entre tutores e crianças moradoras de comunidades tradicionais através desta oficina enquanto simbologia para sentimentos de pertença, identidade e de luta para transformações sociais.

**FIGURA 9**  
Oficina de identidade e pertencimento, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

## **VISITA A SANTIAGO DO IGUAPE**

Nas sub-seções a seguir, são identificadas e descritas as atividades realizadas referentes a visita do Grupo Etnicidades à Santiago do Iguape.

### **Ajeum e roda de conversa no Terreiro Ilê Axé Xapanã**

Ajeum tem significado de partilha, em que o alimento compartilhado pela comunidade integra, une e acolhe a família de axé e seus agregados. No terreiro de candomblé, o partilhar do alimento nutre os laços, aproxima aqueles em que ali são guiados pelo fluxo contínuo do axé vital. A roda gira, a troca de saberes transcende a academia, do mais velho ao mais novo (todos tem sua vez). Na visita ao Ilê Axé Xapanã o grupo foi recebido pelo café da manhã no terreiro, proposto pela experiência de vivência do dia a dia da comunidade. Pedindo agô (licença) aos orixás, inqúices e caboclos, formou-se a roda, o diálogo com a comunidade do terreiro

na percepção dos templos religiosos de matrizes africanas enquanto redes de afirmação da ancestralidade africana, na multiplicação de conhecimentos (re)vividos no cotidiano da comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Cachoeira/Ba.

O terreiro Ilê Axé Xapanã pode ser classificado como “Candomblé de Caboclo”, tendo influências das nações Ketu, Angola e Jeje, refletindo a confluência religiosa encontrada em muitas religiões brasileiras de matrizes africanas. Esta integração expressa a religiosidade afro-indígena e suas divindades características, como a presença de caboclos de pena e de couro, bem como ciganos, marujos e pretos velhos numa formação religiosa que se originou no Brasil ainda no período colonial.

Inicialmente, o barracão era conhecido como “A Gruta de Mãe Lalu”, a poucos quilômetros mais distantes do atual. Construído pelo seu filho Reginaldo, a edificação era feita de pau a pique, cercada com troncos de árvores locais. O chão era batido com barro do massapê e sua cobertura era feita com palhas de piaçava (dendezeiro). A gruta de Ogum de Lei tornou-se um terreiro com predominância de Caboclos, com rituais da umbanda e do candomblé de Angola. Nele, Mãe Zélia iniciou um maior número de filhas, pois já havia iniciado antes de ocupar aquele espaço Aurelita, filha de Mãe Lalu. O terreiro de Mãe Lalu, “a gruta”, era frequentado não somente por familiares da matriarca como por consulentes que iam buscar o auxílio dos seus guias espirituais.

Com o passar do tempo, pequenas alterações físicas foram feitas. Aproximadamente em 2004, o terreiro conhecido como “A gruta de Mãe Lalu” foi danificado após uma rocha desmoronar em local muito próximo a ele. Com o adoecimento de Mãe Lalu e após este episódio, a família de axé dividiu-se em seus cultos, originando o Terreiro Ilê Axé Xapanã, candomblé de caboclo, e o Templo do Caboclo Gentileiro das Sete Cachoeiras, centro de umbanda.

O terreiro foi reinaugurado em 22 de abril de 2014, fundado pela Mametu (Ialorixá) Mãe Zélia de Obaluaê, que nasceu em 27 de agosto de 1932 e faleceu em 11 de junho de 2020. Mãe Zélia foi iniciada na religiosidade afro-brasileira por sua sogra Mãe Lalu, onde se formou uma rede familiar, em que a geracionalidade se torna um fenômeno fundamental para a salvaguarda e permanência da memória e ancestralidade perpassada para os filhos, filhas, netos e bisnetas dessas matriarcas que hoje dão continuidade ao legado deixado por elas para seus familiares.

O perpassar de saberes é transmitido pela intergeracionalidade familiar, a memória narrada da história de mãe Lalu e Mãe Zélia, propagada pela geração de filhos, filhas e netas que garantem a continuidade e a multiplicação dos conhecimentos herdados. Mulheres, Parteiras, Mães, Zeladoras, que tinham a espiritualidade com o propósito da caridade, o uso das plantas e ervas tradicionais, para com as entidades, e divindades africana fornecerem o acolhimento psicossocial e espiritual, fortalecendo uma rede de apoio que acolhia as demandas diversas da comunidade. Numa relação de continuidade com a identidade e a territorialidade

quilombolas, as mulheres desempenham importante papel, a história de ocupação do terreno do terreiro conta com duas protagonistas – Mãe Lalu e Mãe Zélia de Obaluaê – figuras centrais para o processo de formação da comunidade-terreiro Ilê Axé Xapanã, que é reconhecido como um dos patrimônios culturais do território quilombola de Santiago do Iguape

A escuta dos familiares, e a trajetória no espaço, conta-se acerca das modificações do terreiro e como ele vai se reconfigurando ao longo do tempo de sua existência, à medida que a família vai acrescentando, novos filhos de santos vão chegando, consanguíneos e não consanguíneos irão formar uma grande rede familiar, atingindo o grau de parentesco que no terreiro representa, a solidariedade mútua. No terreiro a família se estende, e se insere no quilombo enquanto uma só comunidade.

Direcionado pelas lideranças foi possível perceber alguns dos espaços sagrados que integram o terreiro, de modo a entender a inter relação entre a arquitetura do terreiro, seus significados, práticas rituais e a simbologia religiosa que te envolve, possibilitando a criação de lugares que facilitam a conexão com as divindades e os antepassados. A arquitetura do terreiro vai se revelar enquanto portadora de significados culturais e espirituais profundos, a partir da dinâmica própria do seu espaço, orientado pelas divindades que ali se manifestam.

As potencialidades e multiplicidades de tipologias arquitetônicas vão desenhando o terreiro de candomblé, trazendo a compreensão das técnicas construtivas tradicionais aplicadas e que se fazem presente nos espaços do terreiro, distribuídas nas áreas de mata sagrada, nos espaços de reprodução econômica (como a casa de farinha), assim como nos assentamentos, moradas de orixás e caboclos do terreiro Ilê Axé Xapanã na comunidade quilombola de Santiago do Iguape, Cachoeira/Ba.

Na mesma medida, reconfiguram-se nas mais diversas formas de resistência, como na readaptação com a natureza, na qual possuem relação indissociável em seus cultos, assim como na reprodução econômica por meio dos recursos naturais, a larga produção de farinha, mel e a diversidade de plantas medicinais/ritualísticas aplicadas na saúde do quilombo. Nesse contexto, reconhece-se os territórios afro-diaspóricos, na formação de comunidades de terreiros e organizações socioterritoriais de resistência, reverberando a herança do comunitarismo africano como prática cotidiana.

As relações do Terreiro Ilê Axé Xapanã com a comunidade de São Tiago dão continuidade ao que foi iniciado por Mãe Lalu. A prática de não cobrar qualquer valor monetário das pessoas que a ela recorriam em busca de auxílio espiritual se manteve, assim como o interesse em desenvolver iniciativas de apoio à comunidade local (como a criação da casa de farinha). Um dos desafios surgidos a partir da prática de não cobrar por serviços religiosos é garantir a manutenção do terreiro, que atualmente ocorre exclusivamente por meio da contribuição dos seus membros.

## A Casa de farinha: quilombo, sustentabilidade e inclusão produtiva

Na visita foi possibilitada a vivência na produção de farinha artesanal da “Casa de Farinha Mãe Lalu”, inserida no contexto do terreiro Ilê Axé Xapanã, entendendo a relação do saber e fazer da comunidade e o fortalecimento das práticas produtivas a partir do espaço religioso enquanto promotor do fortalecimento econômico da comunidade. A produção da farinha e dos beijos vendidos pelos remanescentes, e sobretudo as figuras femininas mulheres como protagonistas e fundamentais transmissoras desses conhecimentos.

A casa de farinha foi construída por Reginaldo Francisco a pedido de Mãe Lalu (sua mãe), na intenção de fortalecer a ação produtiva da comunidade, garantindo a permanência dessa produção no quilombo. Durante a vivência na casa de farinha foi compreendido como se dá as etapas da produção, assim como o preparo dos beijos. Esse território, o terreiro, passa a ter seu campo religioso expandido e atinge a dimensão de gerador de renda, em que uma rede de solidariedade possibilita a continuidade de práticas e saberes tradicionais que são preservados, garantindo a resistência da comunidade.

### FIGURA 7

Terreiro Ilê Axé Xapanã, Santiago do Iguape - Cachoeira-Bahia, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

**FIGURA 8**  
Casa de farinha, Santiago do Iguape - Cachoeira-Bahia, 2023



Fonte: produzida pelo autores (2023).

**FIGURA 9**  
Grupo Etnicidades com representantes de Terreiro Ilê Axé Xapanã



Fonte: produzida pelo autores (2023).

## **AJEUM DA MARICULTURA TRADICIONAL E A INCLUSÃO PRODUTIVA DE MULHERES**

Seguindo as ritualísticas dos alimentos observou-se um pouco mais no almoço de encerramento do evento. Previamente foi indicada pelo Instituto Mãe Lulu uma mulher empreendedora da gastronomia tradicional, também membro da Associação de Marisqueiras, com negócio próprio em Santiago do Iguape. A farta comida composta de uma variedade de sabores e frutos do mar típicos foi servida numa mesa grande para o grupo em campo.

A fala motivadora de Dona Lu, que herdou de sua bisavó a tradição de mariscar e cozinhar, também agregou explicações sobre o fluxo das marés, a lua e a diversidade da fauna e flora marítimas. Então partiu-se para uma explosão de sabores com o dendê produzido artesanalmente com o pilão pelas mulheres: siri catado, ostra, aratu, peixes, com o pirão do caldo, arroz, feijão fradinho e caruru.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Então a teoria estudada em sala ganha um sentido ampliado que vitaliza corpos e afetos de discentes, que organiza idéias acerca de conteúdos estudados sobre Quilombo, Quilombismo e Quilombagem. A presença de professores do PPGAU, que vem estimulando tanto estudo de campo em bairros negros, como as extensões fundamentadas em pesquisas em andamento, a partir das disciplinas afins a quilombos e terreiros, permite a conexão do currículo formal da pós-graduação, bem como os projetos do Grupo de Pesquisa estabelecendo a perspectiva de uma universidade e uma FAUFBA sintonizada e publicamente comprometidas com povos e comunidades tradicionais de Quilombos e Terrereiros, segundo o IPHAN, povos tradicionais, originários de matriz africana, para além do marco histórico da colonização.

É possível ampliar e integrar essas possibilidades extensionistas entre graduação e pós-graduação? de que forma também integrar os projetos de extensão nos fluxos da educação básica, no diálogo e cooperações educacionais com escolas públicas do entorno de bairros negros à FAUFBA? no cumprimento das Leis 10.639 e 11.645. Na Extensão também se faz Memória, no registro da ação comunitária e na difusão da sua cultura através da produção artística e científica: este também é caminho para ensinar e aprender de forma contextualizada e socialmente comprometida.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília. DF, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília. DF, 2008.

CAMPOS, Andreilino. Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: - Quilombolas: primeiros resultados do universo. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102016.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.

REIS. João José. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

**Formato: 21 x 29,7 cm**

**Fontes: Bricolage Grotesque, Lato, Volkorn**

**Extensão digital: PDF**



**PPG-AU**  
**FAUFBA**

**NAPPE**  
NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL

